

Canudos: recepção e história na literatura em "O silêncio do sino", de Ivan Santtana.

Maria Raimunda Oliveira de Carvalho (PPGEL/UNEB)¹

lelecaleitora1992@hotmail.com

Márcia Rios da Silva (PPGEL/UNEB)²

marciarios885@gmail.com

Introdução

O Movimento Canudos se apresenta na literatura brasileira como um tema rico em pesquisa e escritos, através dos registros da República, versão oficial, revela uma história que não contempla a memória daqueles que de fato combateram e foram vencidos em dos maiores massacres do cenário brasileiro. Muitos escreveram e escrevem sobre Canudos, contudo a oralidade dos sobreviventes ainda é uma ferramenta importante para destacar fatos ocorridos e demarcar diversos episódios ainda não publicados, onde a oralidade e as narrativas perpassam sobre a representação do sertanejo combatente e como o massacre repercute na história e no comportamento dos descendentes.

Com isso, a representação do contexto genocida no arraial do Belo Monte e seus personagens traz a lume o despertar para uma leitura de recepção que dialoga com a literatura nas suas interfaces. Para a proposta de leitura e recepção foi escolhido o livro de Ivan Santtana, publicado em 2019, *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos*, que, através do personagem Bentinho, detalha momentos que marcaram o episódio e representa o comportamento da comunidade atual na perspectiva da identidade, o sentimento de pertença, a recepção, a memória subterrânea e coletiva.

A história de Canudos contada pelos registros da República por muito tempo nega a autenticidade das memórias daqueles que sobreviveram ou conviveram com sobreviventes, os registros orais não foram suficientes para demarcar o episódio que marcou a história do Brasil. Pensando nisso, essa oralidade se apresentou como ferramenta importante para a valorização da escuta e narrativas, destacando fatos que descreviam evidências do comportamento dos homens da república e os conselheiristas.

O Massacre de Canudos é representado por uma variedade de escritas em um dos episódios históricos com grande repercussão no cenário brasileiro. Em um contexto

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I. Pós-graduada em Gestão Escolar pela EDUCARE. Graduada em Pedagogia pela UNEB – Campus XXII.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL.

literário, a história de Antônio Conselheiro e o Arraial de Canudos provoca discussões acerca de um movimento marcante e significativo, pois o confronto entre os sertanejos e os militares chamou a atenção da imprensa na época, sendo intrigante o período de resistência do arraial, já que não tinham armamento e treinamento de guerra. Assim, o episódio vem propiciando releituras com influentes críticas literárias, permitindo assim uma bibliografia produzida e difundida com o pressuposto de que, a interpretação provoque pontos comuns e de identificação com os interesses individuais e em grupos de pesquisadores sobre a temática:

Canudos é uma história cheia de camadas. Desvelar essas camadas sempre foi um desafio de muitos historiadores voltados para esse tema. Mesmo com o “livro vingador”, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, muito dessa história ficou por ser dito, comprovado, aprofundado. (SANTTANA, 2019, p.11)

Em *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos* (Ivan Santtana 2019), são detalhados momentos marcantes do episódio, representando o comportamento da comunidade na perspectiva da identidade, o sentimento de pertença e suas memórias. Com isso, o tema trágico do arraial de Canudos segue como fonte de narrativas, pesquisas e de discussões nos espaços acadêmicos, revelando a necessidade de compreender as motivações e as heranças culturais que determinam um novo caminhar para as futuras gerações. Segundo Zilberman:

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções. (v.10, p.85, 2008)

Assim, a representação do contexto genocida no arraial do Belo Monte e seus personagens, traz a lume o despertar para uma leitura de recepção que dialoga com a literatura nas suas interfaces. Conforme POLLAK (1989) esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. E completa: “Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” POLLAK (v. 2, p. 3-15, 1989). Todavia, o Movimento Conselheirista nos permite revisitar a história da população sertaneja no arraial de Canudos, nos anos finais do século XIX.

Assim, revisitar a literatura com a temática sobre Canudos, possibilita inúmeras reflexões e diálogos pois a luta fratricida deixou marcas, inquietações e questionamentos sobre o porquê de um ato tão violento e desumano, pois Canudos oferecia uma

perspectiva de humanização, de garantia de direitos: “espaço quase impenetrável, reservado ao trabalho e a oração, fora violado, invadido, totalmente destruído pelas forças republicanas, pelo poder oligárquico de uma época” (Santana 2019, p. 12). Considerando a crítica literária sobre as diversas obras que tratam a temática Canudos, faremos uma abordagem observando determinadas interpretações culturais como resultado de mudanças e comparações na perspectiva do leitor.

Canudos e o silenciamento de uma resistência

A história da luta heroica e a suicida resistência dos jagunços, é retratada em *Os Sertões*, que é denominado de “livro vingador”, expressão dada pelo próprio Euclides da Cunha, marcou época. Seu livro sobre a Campanha de Canudos, tornou-se a primeira obra-prima da literatura nacional. Criou-se um monopólio sobre a temática conselheirista, sendo em 1902, o estudo sobre o episódio exclusivamente feito via *Os Sertões*. A história oficial, via texto euclidiano, relata comportamentos significativos sobre a vida social, política, cultural e militar, com revisões, buscas às fontes e contribuições à luz de pesquisas históricas e sociológicas. (Calasans, 2019, p. 28)

Contudo, foi impreterível a realização de algumas discussões sobre as leituras, relacionando a saga sertaneja e o entendimento sobre o contexto histórico dessas obras e a busca da intenção dos autores, observando que, ler nas entrelinhas pressupõe uma complexa interpretação, segundo Eco (1994, p.9): “Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – não terminaria nunca”.

Na perspectiva da intenção do texto como uma possibilidade de compreensão, apresentamos a releitura de *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos 2019*, livro escrito cuidadosamente com o efeito de despertar o interesse não apenas histórico, mas literário, poético, estruturando assim uma condição na intenção, ou seja, um texto aberto. Com esse movimento, a obra se apresenta como uma narrativa surpreendente, definida por referências e uma organização construída para gerar interpretações produzidas pelo contexto histórico já anunciado, revelado.

Conforme Eco:

Mas numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história [...] Só quero dizer que qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. (1994, p. 7-9)

Com isso, nos termos históricos, experimentar emoções provoca um efeito sobre o público e define a importância das representações nos textos introduzidos com temáticas trágicas. Segundo Zilberman (2008, p. 85), “na tragédia, a mimese é direta, porque as personagens aparecem por meio das ações [...] e essas ações inspiram pena e temor, ou piedade e terror”. O cenário do massacre de Canudos destaca a importância de como o formato do movimento é contado e recontado, a complexidade de apresentar fatos trágicos introduzidos no campo literário contextualiza com fatos históricos relatados pelos responsáveis diretos pela sua destruição, conforme Eco (1994, p. 16-19):

Naturalmente, o autor dispõe de sinais de gênero específico que pode usar a fim de orientar [...], mas com frequência esses sinais podem ser muito ambíguos. É a ambiguidade desse tempo verbal que o torna extremamente adequado à narração de sonhos ou pesadelos.

Em um aparato cultural próprio é possível preencher lacunas que nos remeterão a interpretações importantes, inclusive observar a realidade da ficção. No livro *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos 2019*, Ivan Santtana constrói um texto com diversos fragmentos que permite essa explicação. É possível esclarecer os fatos e deixar que possamos fazê-lo na perspectiva da imaginação, os pressupostos do texto revelam um cuidado com essa linha divisória, os fatos ali são entrelaçados com as linhas ficcionais, permitindo uma construção compartilhada a partir dos elementos indicadores.

O beato tinha os olhos serenados de tanta satisfação, com o povo todo reunido em torno das suas orações. Sua palavra se espalhara por todo o sertão, feito folhas secas levadas por ventos benfazejos. Depois de muita andança, seus pés repousariam nas águas frias e mansas do Vaza-Barris, sua cabeleira tingida de nuvens, carregada pelas memórias do sereno de tantas pradarias, esvoaçaria no ritmo da oração ecoada aos quatros cantos das serras de Canudos. (SANTTANA, 2019, p. 26)

Segundo Zilberman (2008, p.85): “De uma maneira ou de outra, Aristóteles ratifica a importância da recepção para a atribuição do valor de uma obra [...], para avaliação dos produtos expostos ao público”, isso pressupõe que a estratégia de recepção utilizado no romance *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos 2019*, repercute para o fortalecimento de uma escrita poética, fundamental para uma reação do leitor. E completa:

Ele inclui ainda a admissão de que a recepção supõe fatores materiais, de ordem sensorial, de um lado, já que incide em reação emocional, e de ordem tecnológica, de outro, já que se relaciona aos suportes – voz ou a escrita – que acompanham os processos de intercâmbio da obra com o público. (ZILBERMAN, 2008, p.86)

A relação entre a obra e o fato histórico mesclam-se entre o destinatário e a transformação comportamental na perspectiva da recepção, Canudos é um tema recorrente e significativo nas diversas relações com a literatura e a história. O potencial da sua temática transcende aos processos de recepção ora transmitidos em textos que circularam e se que se apresentam na atualidade. Para Compagnon (2012, p. 148-149):

Em todo caso, as normas e valores do leitor são modificados pela experiência da leitura. Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos -, e os acontecimentos obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo que já lemos até aqui nesse texto e em outros.

Logo, em *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos*, o autor expressa ideias já preestabelecidas de grandes obras literárias sobre o Movimento Canudos, no entanto, a linguagem poética e a posição em que cada personagem é colocado no enredo, revela a autenticidade criativa da escrita. “As teorias da recepção fundamentam-se em um pressuposto quase tautológico – o de que as obras são objeto de algum tipo de acolhimento” (Zilberman, 2008, p. 87). Destarte, o modelo analisado sobre o processo de leitura descreve de forma coerente com um efeito potencializador sobre as expectativas do autor. Conforme Compagnon (2012, p.149): “Pode-se dizer que o texto é um dispositivo potencial baseado no qual o leitor, por sua interação, constrói um objeto coerente, um todo. E completa: o sentido é, pois, um efeito experimentado pelo leitor, e não um objeto definido, preexistente à leitura”.

- Belo Monte há de prosperar com a força, com o trabalho e com a fé. Não viveremos mais sob o jugo do coronel. Seremos um povo livre, liberto da fúria do algoz. Aqui será a cidade das almas boas, escolhidas por Deus para ocupar essa morada santa [...], quem nos representa é Deus e mais ninguém. A terra deve ser dividida de forma igual, pois a terra nem é de Deus nem do diabo. A terra é de quem nela trabalha. (SANTTANA, 2019, p. 48)

O livro *O Silêncio do Sino* embora assuma perspectivas de uma literatura com representações históricas, mas que, ao relatar o episódio de forma mais romântica, nos remete ainda ao repensar sobre a história, a identidade e a memória do povo sertanejo. Talvez não tenha se tornado uma das mais poderosas denúncias sobre os acontecimentos ali ocorridos, nem apresente os monstros gerados pelo sonho sertanejo, no entanto, também ainda é um retrato da violência praticada pelas elites brasileiras em nome de um projeto modernizador, apresentado no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha:

Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. Sejamos simples copistas.

Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celebridade de uma marcha

militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados- há três séculos. Cunha (2008, p.118)

Nos textos introdutórios de Manuel Benício em “*O Rei dos Jagunços: Entre a ficção e a História*”, é possível observar os recursos históricos utilizados nos escritos, analisando a trajetória estética da recepção, na perspectiva de um diálogo entre a obra e o leitor, colocando frente a frente duas histórias, a partir da qual se estabelece uma troca: os elementos que o romance traz consigo, à sua própria história (Zilberman, 2008, p.92): “Abastado de provas e documentos, meti ombros à tarefa, valendo-me, às vezes, de publicações oficiais que aludiam ao caso discurrido” (Benício, 2003, p.43). E completa: “Tive tempo de escrever e pouca paciência para, depois de ter escrito a obra, refundi-la em tom melhor – tarefa fatigante e intolerável aos que escrevem despreocupados da fama a clássico português” (2003, p.44).

Com isso Benício, deixa um material riquíssimo cheio de impressões que destacam seus próprios sentimentos acerca da tragédia de Canudos, no romance é revelado o sentimento do autor em deixar registrado a Campanha de Canudos na versão não oficial, mas com elementos de oficiais que estavam no combate, vivenciando a guerra e relacionando personagens aos episódios através de bilhetes e cartas encontradas nos destroços daquele cenário tão desumano e de muita violência.

De acordo com Compagnon (2012, p.149): “O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor”, o romance *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos*, insere-se como um bom romance sobre a temática Canudos. Nele há tudo que se espera de uma obra do gênero, Ivan Santtana consegue relacionar a história, os personagens reais e o contexto, a um bom enredo, bom texto e boa poesia.

Tudo ardia em chamas e dormia sob uma sombra pesada. O céu estava infestado de fumaça e urubus. O fim da mais terrível luta dos sertões [...], Canudos tombava como o mais vigoroso dos jequitibás dos sertões, levantando suas raízes profundas, deixando uma enorme, tenebrosa cratera, ferida viva que jamais cicatrizaria. Vergava árvore robusta, desterrada, com a flor da utopia emurchecida. Seus galhos frondosos abraçavam a terra de onde viera, agora em brasa [...], vertia ao chão seus frutos, tombava para nunca mais. (SANTTANA, 2019, p.114)

Calasans (2019, p. 176) declara: “Perdidas nos jornais da fase tumultuada da guerra fratricida, ficaram umas notas escritas por pessoas ilustres que mantiveram, em momentos e lugares diferentes, conversas com Antônio Conselheiro e seu povão”. Esses textos desencadeiam leituras que interferem no processo de circulação da literatura na sociedade. Parafraseando Zilberman: “Assim, as obras, quando aparecem, não caem em um vazio: ao serem publicadas, deparam-se com códigos vigentes, normas estéticas e

sociais, formas de comunicação [...], e completa: esses efeitos podem ser definidos e estudados, equivalendo à história da recepção de uma certa obra” (2008, p. 930).

Nessa premissa, devem ser observados os procedimentos que determinam as normas sociais e históricas, o processo da tradição literária, como a relação e as mudanças estéticas ocorrem. “A experiência da leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida: entre compreender e amar [...], entre a liberdade e a imposição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo” (Compagnon, 2012, p.164).

Em *O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos* (2019), observamos a importância das práticas que a leitura propicia para a construção das impressões sobre um evento tão significativo para o povo de Canudos, a trajetória do personagem e sua experiência durante o massacre expõe uma realidade trágica que poderia ter sido evitada. Foram muitos mortos, homens, mulheres e crianças tiveram suas vidas ceifadas com violência e horror.

Os antepassados deixaram um legado com memórias dolorosas, muito ainda silenciam sobre as particularidades que irrompem sentimentos, sendo eles fundamentais para a recepção e as relações que contextualizam ao pertencimento, a história e memórias dos sertanejos.

REFERÊNCIAS

BENÍCIO, Manuel. **O Rei dos jagunços**: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

COMPAGNON, Antoine. “**O leitor**”. In: *O demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., 363p.

ECO, Umberto. “**Entrando no bosque**”. In. *Seis passos pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. P.7-32.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTTANA, Ivan. **O Silêncio do Sino: Um Menino na Guerra de Canudos**. São Paulo: Lura Editorial – 1ª Edição, 2019.

SILVA, José Calasans Brandão da. **Cartografia de Canudos**. Salvador: Assembleia Legislativa, 2015, 330 p.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. Ed. Ática. São Paulo. 1989.